

Saúde

Por que me operei no Brasil

ALFREDO C. MACHADO

Nelson Rodrigues, que ao chegar ao Méier já começava a sentir saudades do Rio e que nunca pôs os pés fora do Brasil, costumava acusar-me de delírio ambulatório, de usar qualquer pretexto para viajar. Chegou certa vez a insinuar numa de suas crônicas que eu teria me abalado até Cingapura apenas para assistir um filme de banguê-banguê que eu perdera aqui.

Como a tantos de nós acabou acontecendo na vida, finalmente me vi diante da necessidade de uma intervenção cirúrgica para implantação de pontes de safena. E tive que enfrentar o dilema: operar-me no exterior ou no Brasil.

Felizmente minha atividade tem me levado com frequência aos quatro cantos deste Mundo, e uma viagem a mais não estaria fora de minha rotina.

Podem acusar-me de tudo, menos de xenóforo ou nacionalista. Mas tenho grande orgulho de ser patriota. E uma das formas de demonstrar o patriotismo é dar valor às coisas boas do país de cada um.

Um dos setores em que o Brasil está hoje em pé de igualdade senão de superioridade em relação aos países mais avançados do Mundo é o da cirurgia cardíaca. A partir do professor Jesus Zerbini, criou-se aqui uma geração de excelentes cirurgiões dessa especialidade, consagrados internacionalmente, como os Drs.

Adib Jatene, Waldir Jazbik, Sérgio de Almeida, para citar apenas alguns.

Optei por fazer minha cirurgia no Brasil e fui operado com total sucesso pelo Dr. Adib Jatene. Pude assim entrar em contato com a sua equipe do Hospital do Coração, onde todos são excelentes, do goleiro ao ponta-esquerda, do gândula ao roupeiro.

Esses homens que acima citei criaram uma escola, com seguidores em todos os pontos do Brasil. Recentemente um funcionário meu, residente em Campos, precisou ser operado de emergência, também de problemas coronários.

Seu caso era de tal gravidade que não havia possibilidade de remoção — nem mesmo por jatinho. A operação de emergência foi realizada na Santa Casa de Campos, por médicos locais, e hoje, quatro meses depois, do alto de três pontes, ele já está dirigindo fagueiro sua caminhonete pelas estradas do interior.

Rendo aqui minhas homenagens aos Ministros Antônio Carlos Magalhães e Carlos Sant'Anna, ambos médicos, que, podendo optar por cirurgias no exterior, preferiram prestigiar o que é nosso e que só com o apoio de todos poderá continuar progredindo.

Lamento que autoridades de governos anteriores não tenham demonstrado o mesmo grau de patriotismo. Relevo o caso do

Presidente João Figueiredo, pioneiro das peregrinações oficiais a Cleveland, cuja despropositada declaração de que após a cirurgia se sentira como se tivesse sido atropelado por uma jamanta assustou tantos necessitados de operação semelhante, mas pelo menos demonstrou que também nos Estados Unidos nem sempre se pode fazer milagres.

Foi certamente o extravasamento impensado de um desconforto momentâneo, bem característico de nosso ex-Presidente.

Estou saindo da implantação de quatro pontes, e se fosse comparar minha experiência a um atropelamento, o máximo que me ocorreria seria um atropelamento por um velocípede de criança — sem a criança a bordo.

Fora algumas poucas horas de desconforto no pós-operatório, toda a dor que senti não chegou à de meia hora num gabinete dentário.

Se o leitor está precisando de uma operação deste tipo, pode fazê-la sem susto — e aqui.

Vamos reservar as cirurgias no exterior somente para aqueles poucos casos que a nossa tecnologia ainda não pode enfrentar com igual nível de risco.

De resto, que se viaje aos Estados Unidos para ir à Disneylândia ainda se admite. Para ir a Cleveland, não há mais razão.